

AS FORMAS DE TRATAMENTO DO JAPONÊS: SEU FUNCIONAMENTO *

ELZA TAEKO DOI
UNICAMP

A língua japonesa é uma língua rica em expressões de polidez exatamente porque a cultura japonesa dá muita importância às formas de tratamento entre os interlocutores. A posição social, entre outros, é um fator determinante na escolha, por exemplo, dos pronomes. Nessa escolha, está em jogo a necessidade de se usar as formas lingüísticas adequadas nos diversos níveis hierárquicos.

Em japonês, *keigo* (expressões de respeito) está sendo substituído pela denominação *Taigū Hyōgen* (*Taigū*=tratamento; *hyōgen*=expressão), expressão de tratamento ou forma de tratamento (FT). É que as expressões de respeito (*keigo*) têm a ver com as formas lingüísticas que expressam a relação entre os interlocutores, os referentes, e até mesmo a relação do locutor consigo mesmo. Segundo Tsujimura (1971), as FT seriam as formas lingüísticas que variam conforme a relação de respeito, superioridade/inferioridade, interesses, intimidade, que estariam presentes no locutor, interlocutor e no objeto referente.

Neste trabalho, utilizaremos a denominação FT porque expressa melhor a natureza do funcionamento dos “*keigo*” dentro da perspectiva da Análise do Discurso. Isso porque, considerando que as condições de produção são constitutivas do discurso, as FT com sentidos diversos fazem parte do próprio processo discursivo. Consideramos que as FT, conforme a definição de Tsujimura, dizem respeito ao processo de funcionamento, enquanto que *keigo* seria o produto, tomado como tal.

O uso das FT teria como finalidade desenvolver estratégias de relação entre os interlocutores, baseadas no respeito e na consideração mútuos. Como elementos explicativos desse tipo de comportamento, pode-

* Trabalho apresentado no XXXV Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, Universidade de Taubaté, 16 e 17 de setembro de 1988.

ríamos citar o modo como o povo japonês se expressa (não falando de maneira aberta e direta, usando freqüentes perífrases e eufemismos), e a sua preocupação em se colocar no lugar do outro para falar, determinada por fatores histórico-culturais e pelos princípios norteadores do pensamento e da organização dessa sociedade.

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as diferentes manifestações das FT utilizadas no japonês contemporâneo, tendo em vista a verificação do seu funcionamento. Na primeira parte, apresentaremos um breve resumo das pesquisas sobre o assunto e na segunda analisaremos algumas interações extraídas de um conto de Shusaku Endo.

AS PESQUISAS

Para caracterizar as FT do japonês, apresentaremos o quadro classificatório tradicional de Keigo, que tem servido como base para estudos posteriores. Basear-nos-emos nessa classificação tradicional (inclusive com a sua formulação) porque as descrições exaustivas e particulares não seriam pertinentes para o propósito deste trabalho.

Os Keigo são classificados em: (A) Sonkeigo (expressões de respeito), (B) Kenjōgo (expressões de modéstia) e (C) Teineigo (expressões de polidez).

(A) **Sonkeigo**: o seu uso estaria relacionado com a maneira respeitosa de se referir às pessoas que participam da fala, ou às ações que se relacionam com essas pessoas.

O sentido de respeito se expressa através de:

a) uso de partículas O, GO, ON, MI

kyaku (visita): Okyaku

hon (livro): GOhon

hotoke (buda): MIhotoke

b) uso de partículas SAN, SAMA, DONO, propostos aos nomes das pessoas

oji (tio): ojiSAN, ojiSAMA

Maria: MariaSAN, MariaSAMA

Yamada: YamadaDONO

- c) uso de “auxiliares de verbos” como RERU, RARERU, propostos aos verbos

IKU (ir): IkaRERU

- d) uso da combinação O...NINARU com o verbo.

verbo YOMU (ler): OyomiNINARU

- c) uso de verbos que expressam respeito

IRASSHARU: “IR” com sentido de respeito

OSSHARU: “FALAR” com sentido de respeito

- (B) **Kenjōgo** (Expressões de modéstia): refere-se à maneira de expressar respeito à pessoa a quem se dirige, através do rebaixamento da posição daquele que pratica uma ação.

O sentido de modéstia pode ser expresso por meio de:

- a) uso de partículas como SO, SETSU antes das palavras

SOshima (presente insignificante)

SETcho (meu artigo)

- b) uso de sufixos como TOMO, DOMO.

watash i DOMO (nós, pessoas “insignificantes”)

- c) uso da combinação O.....SURU com o verbo

verbo MATSU (esperar): OmatiSURU

- d) uso de verbos que encerram sentido de modéstia.

MOSU, MASHIAGERU: verbo FALAR com sentido de modéstia.

- (C) **Teineigo** (Expressões de polidez): refere-se ao modo de falar cuidadoso para expressar formalidade e respeito para com o interlocutor.

As expressões de polidez são realizadas através de:

a) uso de DESU, MASU, GOZAIMASU, em finais de enunciado

Kare wa iku/Kare wa ikimasu. (Ele vai.)
Sensei da/Sensei desu. (É professor.)

b) uso de O precedendo uma palavra

tcha (chá): Otcha

As expressões de polidez e de respeito podem não parecer distintas através dessa classificação. No entanto, deve-se ressaltar que enquanto as expressões de respeito se referem ao nível do conteúdo do enunciado, as expressões de polidez se referem ao nível da enunciação. O uso de polidez diz respeito também à forma pela qual o sujeito se serve delas para preservar a sua dignidade (Watanabe).

Pesquisadores japoneses afirmam que foram os estrangeiros que perceberam o papel das FT na língua japonesa. O primeiro registro sobre o uso dessas formas data do século XVII, e foi feito pelo padre português João Rodriguez em sua obra "Arte da Língua de Iapam", gramática composta para os missionários jesuítas em missão no Japão:

"Das partículas de Honra, & cortesias no falar.

Toda elegancia desta lingua consiste em saber usar de varias honras & partículas que pera isso tem dando a cada cousa seu lugar. De tres sortes podemos tratar dessas honras respeitando sempre, quem fala, quem se fala, diante de quem, e de que cousas: por que tudo isto he necessario. Primeiramente podemos tratar destas honras, em quanto tem esta lingua varias particulas assi honorativas como humiliativas que se ajuntam soamente a nomes substantivos, ou a raizes de verbos honrando o tal nome, [...], ou por a pessoa, ou cousa por si ser digna de honra, e veneraçam, ou por as taes cousas pertencerem a pessoas por cujo respeito se honram. 2. Das particulas de honra, e humiliativas que soamente se ajuntam com verbos e de alguns verbos que de sua natureza sam honrados, ou humildes. 3. Do grau dos verbos simples, e que nam tem particula algũa, como san Aguru, Yomu, Naro, e como e quando se deve falar por eles. (p.158)

Essas observações, consideradas de grande valor descritivo pelos estudiosos japoneses, constitui um dos primeiros (senão o primeiro) registros realizados sobre o uso das formas de respeito e polidez no japonês.

No início da era Meiji (1868-1912), esses usos foram “redescobertos” por lingüistas estrangeiros estudiosos do japonês como o inglês B.H.Chamberlain, e o holandês J.Hoffmann. Através dos fatos levantados por esses lingüistas, os estudos sobre as FT começaram a se desenvolver, enquanto que, para os pesquisadores japoneses, essas formas passavam despercebidas, dada a sua natureza quase que inerente à sua língua. Recentemente, nos inúmeros trabalhos que se referem às FT realizados pelos lingüistas japoneses, percebemos uma preocupação na sua sistematização e no levantamento de estrutura do uso dessas formas, baseados nas abordagens da sociolingüística e da teoria da enunciação. No artigo de Oishi (1977), podemos verificar que entre os precursores do estudo, tais como Yamada e Matsushita, os bons costumes do povo definiam o uso de FT. Tokieda (in Oishi) leva em consideração a necessidade de se estabelecer diferenças hierárquicas e de respeito/não-respeito como condições para expressão de FT.

Sakakura (1974) considera o Keigo como uma forma de expressar respeito ao interlocutor e/ou objeto de referência através do relacionamento entre eles em um contexto. Esse relacionamento é determinado pela consciência de distância relativa que se estabelece entre eles e não pelo conceito de hierarquização social. Para ele, o interlocutor assume um papel de importância na medida em que o emprego de diversas FT vai depender da relação que o sujeito tem com o seu interlocutor.

Para Tsujimura, os Keigo seriam expressões de tratamento empregadas segundo o julgamento subjetivo do locutor com relação ao seu interlocutor. Nesse sentido, o uso das FT vai depender do interlocutor. Já Minami (1977) parte do princípio de que todo sistema lingüístico, possuidor de uma característica própria e independente, é condicionado pelos fatores externos para que entre em funcionamento. O Keigo também não foge a esse princípio, principalmente porque exerce uma função de caráter social. A abordagem de Minami caracteriza-se pela preocupação de estender as FT até às manifestações não lingüísticas e de considerá-las como uma forma de o sujeito lingüístico expressar a consideração para com o seu objeto. Finalmente, Watanabe (1974) considera as FT como uma forma de expressar o respeito ao interlocutor com base na intenção que o falante tem de preservar a sua dignidade e discricção.

Com base nesse rápido histórico das pesquisas realizadas no Japão, percebemos que são considerados os elementos que entram no

processo de realização das FT (tais como o contexto, o papel dos interlocutores, a relação com a sociedade), mas não se dá a explicitação do seu funcionamento como um todo. Isso porque, de acordo com a abordagem do problema baseada apenas no confronto desses elementos, os resultados se limitariam ou a um relacionamento unívoco entre os elementos, ou a um levantamento infinito de casos em que ocorre o uso das FT, sem se chegar a determinar o seu funcionamento.

Quanto aos estudos diacrônicos de Keigo, pesquisadores como Kasuga (1977) e Toyama (1977) deixam clara a influência das condições político-sociais da época nas diferentes manifestações e usos dos Keigo ao longo da História do Japão. Segundo esses pesquisadores, na era Antiga (época de Nara e Heian - séc. VIII - XII), caracterizava-se o uso das FT com base na hierarquia social. Essa se caracteriza politicamente como a era em que os imperadores tinham domínio do poder político. Como o uso das FT se restringia aos ocupantes da alta hierarquia, elas se caracterizavam pelas formas de respeito e modéstia.

Na era subsequente, que se caracteriza pelo feudalismo (sec. XIII - XIX) e pela passagem do poder das mãos dos nobres (*kuge*) para os guerreiros (*buke*), as FT sofrem mudanças em seu uso. Por ser uma época em que ocorreram mudanças no poder e mudanças na sociedade, o uso das FT passa de absoluto (como acontecia na era Antiga) para relativo, determinado pelas intenções do locutor e pelo contexto. Isso significa que ocorre uma escolha do locutor no uso das FT, conforme as determinações sociais, os interesses pessoais, o grau de intimidade, etc.

Se as FT utilizadas na era Antiga se baseavam nas determinações externas como posição e hierarquia social, na era posterior, elas se baseavam no julgamento do locutor. Mas isso não significava que a hierarquia das pessoas não fosse considerada na interlocução. Esse fator persiste como uma forma de absolutização do poder, isto é, o ocupante de um cargo recebia um tratamento condizente com sua posição, independente do contexto.

Na época de Edo (sec. XVII - XIX), quando ocorre a divisão das classes sociais em guerreiros (os donos do poder), lavradores, artesãos e comerciantes, somente os donos do poder recebiam tratamento de respeito. Entre os demais (lavradores, artesãos e comerciantes), o uso das formas de respeito parecia se basear em poderes econômicos e posições sociais que ocupavam nesse meio.

Segundo Toyama, nesse contexto histórico em que o locutor passa a ter possibilidade de escolha no uso das FT de acordo com o interlocutor e o contexto, surge a forma de polidez que se caracteriza pela consideração do locutor para com o seu interlocutor. É uma FT que se baseia

no julgamento subjetivo do locutor e visa expressar a consideração para com o interlocutor e expressar a dignidade do locutor.

Oishi, em seu artigo "Keigo no Kenkyūshi" (Histórico sobre os estudos de Keigo), aponta, na seção "O futuro das Pesquisas sobre Keigo", vários pontos que merecem ser pesquisados nesta área, tais como: (1) o levantamento de um sistema de Keigo objetivando uma explicação e organização dos problemas relacionados às FT; (2) a necessidade de se explicar os fatos do Keigo em conjunto com os fatos sociais; e (3) a necessidade de se abordar o problema do Keigo não somente no seu uso mas também na sua caracterização. Como o Keigo é um elemento diretamente relacionado ao aspecto social, a recorrência unicamente ao aspecto lingüístico não seria suficiente para dar conta do problema. Enfim, ele considera o Keigo como um objeto a ser tomado como um fato social, fato expressivo e fato psicológico.

Por outro lado, Minami afirma que o estudo do Keigo baseado apenas no seu aspecto lingüístico acaba se resumindo numa consideração abstrata. Mas se se leva em consideração as expressões lingüísticas, surge o problema no relacionamento com os atos não-lingüísticos. Ele acha que o Keigo deve ser estudado dentro de uma teoria que leve em conta, de maneira conjunta, a comunicação lingüística e a não-lingüística.

Com isso, percebemos que a preocupação de alguns estudiosos, como Minami, reside no fato de que o Keigo deva ser investigado em conjunto com os elementos extra-lingüísticos para que ele atinja uma explicação mais consistente, uma vez que se trata de um assunto que diz respeito às expressões decorrentes das relações pessoais e sociais.

Pesquisas recentes relativas aos diferentes usos que se faz da linguagem estão sendo desenvolvidas segundo os conceitos de "communicative distance" e "perceived distance", e com uma forte consideração ao contexto de situação (Kokugogaku, nº 145, 1986).

O FUNCIONAMENTO DAS FT

A seguir, gostaríamos de verificar o uso das FT em situações concretas a fim de observar algumas regularidades no seu funcionamento. Os dados foram extraídos do conto "Taihenda!" (perigo) de Shusaky Endo. Trata-se de um conto, caracterizado pela riqueza de diálogos, que retrata o cotidiano dos japoneses com a presença de inúmeros personagens. Na interlocução desses personagens podemos verificar o uso e o funcionamento de algumas FT:

I. Uso de formas de respeito e polidez na fala de dois personagens que pertencem a mundos diferentes: M, uma mulher (dona de casa) que vai a um clube noturno destinado às mulheres; e um homem, H, o "host" desse clube, que tem como papel servir as freqüentadoras.

H - Dō **nasaimashitaka**. Gokibundemo...
(O que aconteceu? Não está se sentindo bem..)

nasaimashita = forma respeitosa de dizer "aconteceu"
go = partícula que indica respeito

M - lie. Nandemo arimasen **no**.
Nada. Não é nada.)

masen = negativa da expressão de polidez **masu**
no = linguagem feminina

H - Nandaka kyūni **oshizumini narareta** node...
(Parece que de repente (a sra.) ficou quieta...)

o = respeito
narareta = forma respeitosa de "ficou"

Verificamos o uso da forma de respeito por parte do "host" ao servir a freguesa M., a qual, dadas as condições acima, pertence a um mundo diferente (por isso a distância entre eles se expressa pelo uso da forma de respeito). Ela se coloca em condição de superioridade (portanto, de distância e merecedora de respeito) com relação ao "host" porque é ela quem está **pagando** para ser servida e cortejada, e é ele quem está **recebendo** para servir e cortejar (relação comercial).

II. Uso de formas de polidez e respeito "relativo" do personagem A com relação ao chefe B. Ausência das formas de polidez na fala do chefe B. O subalterno A vai receber no aeroporto o chefe B, que está voltando de uma viagem.

A - **Butyō**. Gokurōdeshita.
(Chefe. Seja bem-vindo)

Butyō = Chefe de seção
go = respeito
deshi = polidez (desu)

A - Ikagad**eshita**. Hikōki ga okurema-shita **ne**.
(Como foi? O avião se atrasou, não?)

mashi = polidez (masu)
ne = familiaridade

B - Honkon de 40 pun matasare**ta**yo.
(Em Hong Kong fizeram-me esperar 40 minutos.)

yo = familiaridade

Soredemo 20 pun wa tijimetarashii **ne**.
(Mesmo assim, parece que recuperaram 30 minutos.)

Nesse contexto, verificamos um uso apenas relativo de formas de respeito (**Butyo**, que é a forma respeitosa e polida de chamar o chefe pelo nome do cargo que ele ocupa, e **go** que é a partícula que indica respeito) por parte do subalterno A para se dirigir ao seu chefe. Da parte de B, verificamos a ausência das formas de respeito e polidez para se dirigir a A, mas notamos o uso de **yo**, **ne** que, embora não pertençam às FT definidas em japonês, possuem um significado discursivo expressivo para indicar familiaridade e intimidade com o interlocutor. Neste contexto, a ausência das formas de tratamento e o uso de **yo** e **ne** pelo chefe adquirem um sentido de paternalismo e de intimidade. O pouco uso das formas de respeito mostra também uma proximidade expressa pelo personagem A com relação a B. Trata-se de um fato compreensível porque, embora A e B ocupem posições distintas baseadas na hierarquia de chefe e subalterno, ambos fazem parte de um mesmo grupo e compartilham da mesma área constituída por um instituto de pesquisas.

III. Segue-se um outro exemplo que vem reforçar e ilustrar melhor o uso (e o não-uso das FT). Trata-se de uma conversa entre funcionários (A e C) sobre o chefe B depois de A ter sido chamado pelo chefe na hora do almoço. Esta passagem caracteriza-se pela ausência total de formas de polidez e de respeito, até mesmo quando se refere ao chefe.

A - **Iya ni naruna...** Uti no **oyaii** wa.
(Que coisa. Esse nosso velho!)

Iya ni narunā = expressão de desagrado. Algo como não gostei, que coisa.

oyaji = utilizada entre os homens em situação informal para se referir ao pai ou ao chefe de idade.

A - **Omoitsukuto hiruyasumidemo shigotowo meizurundakara.**
(Quando lembra, ele ordena serviços mesmo na hora do descanso de almoço)

meizuru = a expectativa é de uso de uma forma de respeito para se referir à ação do chefe, mas ela vem destituída dessas formas de respeito.

C - **Mā. Butsubutsu iwazuni ittekoiyo.**
(Bem, paciência. Vá sem reclamar.)

ittekoi = forma imperativa expressa de maneira direta sem distância.

Nesse contexto informal, em que dois colegas de serviço fazem referência ao seu chefe, verificamos a ausência das FT para se referir a um superior. Essa ausência constitui também uma FT que poderíamos definir como intimidade, portanto, de proximidade com relação ao referente hierarquicamente superior. Essa proximidade é traduzida pelo uso de *oyaji* (velho) de maneira carinhosa. Esse exemplo nos mostra a relação existente entre as condições de produção do discurso e as efetivações a nível de enunciação para a produção de um sentido. Isso porque a consideração de que o referente superior seria designado por meio de formas de respeito nem sempre se concretiza; seria antes um resultado das condições de produção e não o fator determinante do uso de FT.

IV. Ausência das FT: O sujeito ocupa uma posição de superioridade em relação à mulher do botequim porque ele é freguês, e em relação aos estudantes, porque ele é mais velho, e é ele quem está pagando o saquê.

Homem D para a dona do botequim:

D - Oi, *tyōshi* ippon. Iya nihon. Kono *gakuseitai* ni sono ippon wo noma-sete *yattekure*.
(Escuta aqui. Um saquê, não dois. Dê um deles para esses estudantes.)

tyoshi = uma espécie de garrafinha onde se coloca a bebida para levar ao fogo e beber quente.
yattekure = pedido sem polidez.
oi = expressão que se usa para chamar. Sem polidez e até rude.

D para os estudantes:

D - Oi, *mugakuren*¹. *Suwatte* ippai *nome*.

nome = beba. Ordem sem polidez.

(Vocês aí, estudantes. Sentem e tomem um gole!)

V. Os personagens do exemplo IV, a mulher M e o "host" H, e uma amiga E da mulher M. Nesta passagem, M participa do diálogo apenas como ouvinte. A amiga E comenta o desempenho de M com relação à dança, e H concorda com E.

- E - Anatawa igaito odorunjanaino. Bik-kuri shitawa.
(Até que você dança bem. Fiquei admirada.)
- no, wa = partículas que caracterizam a fala feminina informal.
- H - Hontoni ojōzu de gozaimasu.
(Realmente (a sra.) dança muito bem)
- gozaimasu = alto grau de polidez e formalidade
o = polidez.

Na fala da amiga, não verificamos nenhuma forma de respeito nem de polidez. Na fala do "host", verificamos formas de polidez que vêm expressar uma formalidade na sua enunciação. No entanto, essa formalidade do "host" expressa também um sentido de menosprezo com relação à mulher. Ele fala do lugar que ocupa na sociedade, isto é, da condição de servidor pago (papel de inferior), usando palavras de elogio e de polidez. Mas, ao mesmo tempo, essas palavras expressam um sentido de ironia que indica a sua posição de superioridade com relação à mulher, que se submete a esse jogo, pagando e comprando um servidor-cortejador, portanto, em condição de inferioridade.

Os elogios e as formas respeitosas carregadas de formalidade adquirem, dependendo das condições de produção, um sentido de ironia. Esse uso irônico das FT se realiza dentro das condições de produção acima mencionadas, e a apreensão do seu sentido pode não ocorrer por parte da interlocutora. Assim, poder-se-ia dizer que não houve completude de sentido (Orlandi, 1986), embora ela ocorra a nível de participação do leitor. E nesse nível, o sujeito da enunciação e o autor do conto se confundem, e percebe-se a posição do autor com relação ao problema. Considero esse exemplo, um caso representativo de polidez, expressa apenas na forma, portanto, não-real.

VI. A criança F recusa o doce que a mãe G está comprando. Uso das formas de polidez na fala da mãe, conversando com o filho.

- F - Iyandanā sono kashi.
(Ah, não quero esse doce.)
- G - Damedesuyo. Antani katteirunja
naindesukara.
(Deixa! Porque não estou comprando para você.)
- desu: forma de polidez

A forma de polidez "desu" que a mãe emprega não constitui

um polidez dirigida ao filho. Seria uma forma de expressar o modo de falar educado da mãe, como uma forma de preservar a sua dignidade (Watanabe), talvez tendo como referência outros interlocutores presentes nas proximidades, como o vendedor, outros compradores, etc.

Através desses dados, podemos notar que, dependendo das condições de produção do discurso e das formações discursivas, as marcas consideradas como indicadoras de respeito adquirem um sentido de formalidade no discurso. Poder-se-ia dizer que quando os interlocutores se originam de espaços distintos, isto é, de grupos distintos, o uso das formas de respeito passa a ter um sentido formal. Esse uso formal pode ser realizado mesmo entre falantes que pertencem ao mesmo grupo quando as condições exigem esse tipo de comportamento. Por exemplo, em situações de cerimônia formal, saber distinguir o local e a posição que cada pessoa ocupa numa situação constitui um dos princípios que o homem socialmente adulto deve levar em conta para se comportar na sociedade japonesa dentro das normas estabelecidas pelos princípios nela presentes.

A ausência das FT indicaria não propriamente a ausência de polidez e de respeito, mas uma proximidade entre os interlocutores, como uma forma de expressar a ocupação de um mesmo espaço social. Dirigir-se a um estranho sem o uso das FT pode significar uma maneira e um desejo de se integrar na área desse interlocutor através do uso de uma linguagem familiar, sem polidez.

Verificamos um exemplo representativo de casos como esse num programa de televisão japonês onde um repórter, que fazia uma espécie de apresentação turística, fazia perguntas do tipo: "nanishiteruno" (o que você está fazendo?) -- sem polidez e sem respeito, para uma pessoa da região, um desconhecido do repórter, que se encontrava à beira de uma estrada.

Esse tipo de pergunta bastante familiar, sem as formas de respeito e polidez, soaria desrespeitoso se dirigido a um estranho porque se esperaria nesse contexto², expressões como:

"nani (o) shite irundesaku"

"nani (o) shite irasshaimasuka" (mas respeitoso)

Para sermos mais exatos, não se faria também perguntas diretas como esta (o que você está fazendo?), porque este tipo de pergunta, mesmo com as expressões de respeito e polidez, soaria "desrespeitoso" para com o interlocutor desconhecido por ser por demais inquisitivo e direto.

Para uma situação em que se percebe algo premente, seriam

dirigidas perguntas como:

“dōka shimashitaka”

(o que aconteceu?/ Aconteceu alguma coisa

“dōka nasaimashitaka”

No entanto, a forma considerada mais natural em situações normais em conversação com um desconhecido (portanto sem identificação do grupo a que pertence e em que o desconhecido seria, em princípio, um membro “de fora”) seria a de começar fazendo comentários sobre o tempo, o local, algo que os interlocutores compartilhassem naquele momento e naquele contexto, para depois dirigir perguntas que interessam ao locutor. Esses comentários prévios adquirem um papel de importância na interlocução dos japoneses que não se conhecem, na medida em que eles servem para estabelecer os laços de “reconhecimento” que os tornam preparados para estabelecer um contato.³

Nesse reconhecimento, incluem-se também a sondagem de informações mais concretas sobre o(s) interlocutor(es), tais como: o local do trabalho, o nome desse local (firma, escola, repartição pública, etc). A partir dessa informação, pode-se “classificar” o interlocutor como membro de um grupo de prestígio ou não; o tempo de serviço (para inferir o cargo que estaria ocupando); a escola e o ano em que se formou (fica-se sabendo a idade da pessoa e o prestígio da escola); procedência, onde mora, etc. Essas informações permitem configurar o perfil do(s) interlocutor(es), proporcionando aos sujeitos participantes desse discurso, dados para decidir as FT a serem empregadas nesse contexto. O uso de cartões de visita e a auto-identificação (auto-apresentação), precedida pelo nome do local de trabalho e do cargo que ocupa, mostram essa preocupação em indicar o seu lugar na sociedade, porque é a partir da identificação desse lugar (de ambos os interlocutores) que o jogo discursivo tem início dentro de um contexto específico. É nesse sentido que observamos em estudos de Keigo de pesquisadores japoneses (Sakakura, Tsujimura) a referência ao interlocutor como determinante do uso de FT.

Consideramos o uso característico das FT como consequência da organização da sociedade japonesa que poderíamos classificar, segundo Nakane (1967), de uma sociedade que se baseia nas relações de Uti (literalmente, interno, isto é, pertencente ao grupo) e Soto (literalmente, fora, isto é, fora do grupo, não pertencente ao grupo). Numa sociedade como a japonesa, considerada de constituição homogênea, o relacionamento entre as pessoas vai se basear na proximidade ou no distanciamento que se estabelecem entre elas, com base nos princípios de Uti e Soto. Essa dis-

tinção, em uma sociedade considerada democrática e com características de homogeneidade étnica, se configura sob a perspectiva de diferenciação baseada no grupo a que pertence e será caracterizada pelo uso de diversas FT. A determinação do papel do outro (interlocutor) se faz com base no papel que o locutor exerce no discurso, dentro de um contexto. Através da ativação dessas condições se efetiva o uso específico de FT.

É dentro dessa característica de homogeneidade étnica do povo japonês que surge um tipo de comportamento linguístico característico dos japoneses. São a virtude de falar pouco e o silêncio. A linguagem do silêncio adquire um papel de importância no discurso dos japoneses, uma vez que o silêncio é mais expressivo do que a fala, dependendo das condições de produção do discurso, isto é, dependendo dos sujeitos num determinado contexto. Aqui também os princípios de Uti e Soto entram em ação no sentido de que os sujeitos pertencem a um mesmo grupo. A compreensão entre eles seria pressuposta, não havendo necessidade de verbalização -- o que não aconteceria se os sujeitos pertencessem a grupos diversos. Nesse sentido, os japoneses consideram que o silêncio expressa mais do que as palavras, e a capacidade de compreender o silêncio do outro faz parte, como obrigação, do sujeito que compartilha do mesmo grupo. Não compreender esse silêncio significa ser "de fora". Os japoneses, como um povo que pertence a uma nação, portanto, pertencentes a um grupo, compreendem o comportamento dos japoneses mesmo em situação de silêncio, o que não aconteceria, segundo afirmação dos próprios japoneses, com os estrangeiros (gaijin) que são "de fora".

Concluindo, numa sociedade em que não ocorre mobilidade social como a sociedade estratificada do regime feudal, o funcionamento das FT se baseava estritamente nas diferenças de classes. As FT tinham um uso específico, de caráter absoluto para cada tipo de interlocutor socialmente determinado. O uso das FT na sociedade não estratificada adquiriu um uso mais relativo baseado nas condições de produção do discurso, a saber, os sujeitos e os contextos que constituem o discurso. Há uma possibilidade de escolha das FT por parte do sujeito conforme as condições de produção, e com isso, os efeitos de sentido também adquirem mais diversidade. Refletindo a complexidade da sociedade, os usos das FT também se tornam mais diversificados. A seleção das FT feita pelo sujeito como constituinte das condições de produção do discurso se dá pelo posicionamento do sujeito condicionado pelos fatores histórico-sociais.

NOTAS

1. Mugakuren: o sujeito faz uso desta palavra em oposição ao Zengakuren, algo como UNE japonês. Ao substituir ZEN (que significa totalidade, geral) por MU (que significa ausência, negação), o sujeito (e o autor) está fazendo um jogo de sentido. Em oposição ao Zengakuren que se caracteriza também como um grupo ativista, Mugakuren significaria os “inativos” e, por outro lado, “sem instrução”, “ignorantes” (mugaku).
2. Certamente, como se tratava de um programa elaborado para/pela TV, em que se queria mostrar de maneira informal os pontos pitorescos da região em contacto direto com os habitantes do local, deve ter havido um “rehearsal” para **criar** uma situação deste tipo.
3. É nesse sentido que na sociedade japonesa a apresentação prévia feita pelo intermediário conhecido de ambas as partes adquire um papel de importância para “encurtar” esse contacto prévio de identificação. Para se estabelecer um contacto com alguém que não nos conhece, seria proceder segundo as regras da sociedade japonesa, pedir a uma pessoa (que conhece ambas as partes) que nos apresente a essa pessoa, ou lhe faça referência sobre a nossa pessoa, facilitando assim, o acesso ao contacto.

Agradecimento

Agradeço a Prof^a Eni P. Orlandi pela orientação e comentários e a Prof^a Eunice R. Henriques pela leitura e sugestões ao trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**, Ed. Hucitec, S. Paulo, 1986.
- FUCHS, M. e M. Pêcheux. “Mises au point et perspectives à propos de l’analyse automatique du discours”, in **Languages**, 37, Larousse, Paris, 1975.
- KASUGA, K. “Keigo no Hensen I” (Mudanças diacrônicas do Keigo), in Ono, S. e T. Shibata orgs., **Nippongo 4 - Keigo**, Iwanami, Tóquio, 1977.
- KAKUGOGAKU n^o 145, (Studies in Japanese Language), Kokugogakkai, Tóquio, 1986.
- MALDIDIER, D., et alii. “Discourse et idéologie: quelques bases pour une recherche”, **Langue Française**, 15, Larousse, Paris, 1972.
- MINAMI, F. “Keigo nō kino to keigo kōdō” (Funções e atos do Keigo), in Ono, S. e T. Shibata orgs.
- NAKANE, C. **Tateshakei no ningen kankei** (As relações entre os homens na sociedade vertical), Kodansha, Tóquio, 1967.

- OISHI, H. "Keigo no kenkyūshi" (Histórico sobre os estudos do Keigo) in ONO, S. e T. Shibata orgs.
- ORLANDI, E.P. **Linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso**, Brasiliense, S. Paulo, 1983.
- . "A análise de discurso: algumas observações", DELTA, EDUC, S.P., 1986.
- . "Linguagem e Método", Unicamp, 1985.
- . "A incompletude do Sujeito", Unicamp, 1986.
- SAKAKURA, A. **Nippon Bumpō no Hanashi** (Relatos sobre a Gramática Japonesa), Kyoiku Shuppan, Tóquio, 1974.
- SHIMA, org. **Arte da Lingoa de Iapam composta pelo Padre João Rodriguez da Companhia de Iesu, dividida em tres livros - ano 1604**, Bunka shobo, Tóquio, 1969.
- TAKAYANAGI, M. e Takeuti, orgs. **Nipponshi jiten** (Dicionário da História do Japão), Kadokawa, Tóquio, 1977.
- TOYAMA, E. "Keigo no Hensen 2" (Mudanças diacrônicas do Keigo), in Ono, S. e T. Shibata, orgs.
- TSUJIMURA, T. **Keigo no Shiteki Kenkyū** (Estudo diacrônico do Keigo), Tokudo, Tóquio, 1971.
- . "Nippongo no Keigo no Kozo to Tokushoku" (Estrutura e características do Keigo japonês), in Ono, S. e T. Shibata, orgs.
- WATANABE, M. **Kokugo Bumpōron** (Teoria Gramatical do Japonês), Kasama, Tóquio, 1974.